



Rubens Pavão

No começo de 154 anos de publicação!

“Sempre fui um homem de esperanças e confio que o «Diário dos Açores» - que agora é o «nosso» aniversariante - vai contar muitos mais anos de publicação, a bem dos Açores, da sua unidade, tal como sempre foi o desejo acalentado pelos seus responsáveis.”

1. Quando o jornalista Osvaldo Cabral me «avisou» que o Diário dos Açores iniciava, em 5 de Fevereiro, 154 anos de publicação e solicitou a minha colaboração, passei revisão ao meu arquivo para relembrar - e não me repetir - o que já escrevi para assinalar, essa histórica data nos contextos nacional e regional.

Nessa ronda de saudade, avivei alguns factos passados: uns ligados à familiaridade que me dispensaram os diretores, doutores Carlos e Manuel da Silva Carreiro; ao ambiente de trabalho e companheirismo que era comum na Redacção, para que nova edição levasse a cada casa uma informação isenta, com valores na língua, na cultura, no conhecimento dos Açores e na proximidade dos seus povos; aos empregados que ajudaram, com dedicação e espírito de serviço, para que o jornal - que era o seu ganha pão - se mantivesse em circulação, por vezes com sacrifício pessoal; e ainda ao escol de colaboradores que mantinha semanalmente artigos de opinião/ reflexão, apenas movidos por um dever de civismo e de cidadania, sem qualquer compensação, a não ser - AMIZADE!

Acrescento o facto de ter completado, por estes dias, 70 anos de colaboração assídua ou faseada, a este Jornal da minha infância e juventude; ao jornal onde coloquei esperanças numa caminhada que ajudou a fortalecer o meu espírito, me tornei conhecedor e crítico da minha terra, da minha cidade, dos seus problemas, sempre numa visão de futuro...

Ao longo desses anos, partilhei que nem todos os dias se comportavam por igual: era o papel para o Jornal que não chegava, porque os barcos demoravam, quer pelo tempo, quer pela greve dos estivadores, ou por que alguns resquícios da guerra continuavam a protelar os materiais de composição; era o cuidado a ter para que os artigos de opinião obedecessem, se possível e não dar nas vistas, à censura; era o equilíbrio financeiro do dia-a-dia para que ao fim do mês todos recebessem os seus salários; era a procura de anúncios junto do comércio e indústria locais e o aumento de assinaturas, como suporte, para não ser dependente de ninguém, apenas vivendo de ideais!

Nos dias que correm, apesar da digitalização superar situações que se desejavam, agora com a Inteligência Digital, em Portugal e nos Açores, assiste-se a uma permanente desilusão quanto à sobrevivência da imprensa, com atropelos de toda a ordem, para já não falar dos encargos financeiros.

Enfim, ou há «ajudas», equitativas e oficialmente definidas, ou então os «títulos» ficam ao sabor das circunstâncias... e, nas edições de hoje li um novo clamor: «16 órgãos de comunicação social dos Açores escrevem carta aos partidos alertando para a dramática situação no sector».

Mais uma pedra no sapato no rol das petições que serão discutidas e repetidas neste escrutínio parlamentar, «pois torna-se difícil, para não dizer quase impossível, a rentabilização com base apenas no digital».

Estou certo: vá haver consenso, desde que cada partido não queira decidir só pela sua cabeça; aliás creio ter ouvido que já existiu essa tentativa de solução... Quem o confirma, hoje mesmo, é o Presidente José Manuel Bolieiro «Eu trabalhei para isso. Criaram um anátema e boicotaram; e, portanto, há hoje responsáveis pela crise».

Cada um que se interrogue...

Apesar de tudo, nos Açores felizmente se publicam jornais centenários; contudo, apesar desse «diploma de honra», o futuro não é promissor, obrigando a mantermo-nos vigilantes, «para que o pensamento claro não devore a cabeça!»

Sempre fui um homem de esperanças e confio que o «Diário dos Açores» - que agora é o «nosso» aniversariante - vai contar muitos mais anos de publicação, a bem dos Açores, da sua unidade, tal como sempre foi o desejo acalentado pelos seus responsáveis.

2. Ainda ao recordar esses meus 70 anos de colaboração ao «Diário dos Açores», creio que o Director- adjunto, Osvaldo Cabral, não me leva a mal se agora evocar «todos» os que partiram do meu tempo - e saudar os irmãos Maria Isabel e Carlos Carreiro, membros duma família que deixou marca de valor e de pioneirismo na Imprensa Açoriana, desde o fundador Tavares de Resende.

Tudo começou quando terminei o curso de professor; e, a conselho de meu Pai, disponibilizei-me para dar um «complemento» à minha vida de docência. Fui recebido como um filho, pelos doutores Carlos e Manuel Carreiro, que me incentivaram dia após dia: passei a fazer reportagens, notícias sobre acontecimentos da vida local e açoriana, artigos de opinião; enfim, considerei-me um «jornalista» mesmo sem carteira, que procurou prestar um serviço isento em informação, numa prosa com regras de sintaxe e de morfologia, como era próprio dum professor primário...

O meu primeiro companheiro de trabalho foi o saudoso Manuel Jorge Raposo, da Administração, mas ao longo dos anos, «o faz de tudo» no Jornal; e, em momentos difíceis, até seu director!

Ali também encontrei o meu companheiro do Liceu, Gustavo Moura, que era responsável pela «Página Desportiva»; e, ambos sempre tivemos a mesma opinião: o «Diário» fora a nossa segunda escola de saber!

Na verdade, nos anos que passei - e, pela graça de Deus, continuo-consolidei o conhecimento da terra, dos homens, das instituições, dos problemas do dia-a-dia, até de relações interpessoais que me foram uteis no desempenho das minhas funções oficiais, como inspirador dum serviço educativo/social à comunidade.

Parabéns para o «Diário dos Açores», para a Empresa que o suporta, para quem o dirige, aos que nele trabalham e aos «renovados» colaboradores que em artigos de opinião, apoiam o que se tem feito, ou são críticos, sempre em defesa de S. Miguel e dos Açores!

Dia de S. Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas - Fevereiro/ 2024.

